Camilo Castelo Branco

Abençoadas

Lágrimas

- Teatro -

ABENÇOADAS LÁGRIMAS

CAMILO CASTELO BRANCO

TEATRO

Esta obra respeita as regras

Do Novo Acordo Ortográfico

PERSONAGENS

D. AUGUSTA

JORGE DE LEMOS

MARGARIDA, uma criada

BARONESA DE FANZERES

BARÃO DE FANZERES

TEOTÓNIO DA CUNHA

RAFAEL

UM MENINO DE 4 A 5 ANOS

Passa-se no Porto, final do século XVIII

ACTO I

Saleta ricamente adornada

CENA 1

JORGE DE LEMOS e MARGARIDA, que embala um berço

JORGE, entrando

Onde está a senhora?

MARGARIDA

Está na capela a rezar.. Ou a chorar; é o mais certo.

JORGE

Chorar! Sempre chorar... Porquê?

MARGARIDA

Pobre senhora! Ainda V. Exa pergunta porque ela chora!... Tivesse ela o coração de outras senhoras, e não choraria...

Este mundo não serve para toda a gente.

JORGE

Mas a Sra. D. Augusta que quer? Que inveja ás outras mulheres?

MARGARIDA

As que são amadas pelo seus maridos, inveja-lhes o amor.

JORGE, rindo

Amadas pelos seus maridos! A Sra. Margarida pensa que os maridos amam as suas mulheres? Está escandalosamente atrasada! (Solta uma risada.)

MARGARIDA

Olhe que me acorda o menino, Sr. Jorge! (Embala, arrolando a criança.)

JORGE, brincando com os cordões do robe de chambre

O marido que dá o braço e camarote à sua mulher; o marido que dá à sua mulher crédito ilimitado em casa da modista, e a expõe á admiração nos bailes, é inquestionavelmente um marido patriarcal, como devia ser La bifo e Jacob, se na Mesopotâmia tivesse modistas e teatros, e bailes, e o senso comum do século XIX. Eu tenho camarote, vou a todos os bailes com a minha mulher, sou roubado pelas modistas com a condescendência de um mártir dos caprichos da moda... E não sou ainda assim bom marido no entender da Sr. Margarida! Pergunte á senhora que modelo de marido devo eu imitar.

MARGARIDA

Imite-se a si próprio, nos primeiros seis meses de casado.

JORGE

Bem se vê que nunca foi casada a Sra. Margarida. Se vm.co tivesse pagado esse tributo á sã moral, veria que no fim de seis meses um marido... Ora olhe... A palavra mesmo lho está dizendo. Um noivo é um mar de amor e um marido é esse marido. Entende vossemecê? (Margarida arrolando a criança.) Um marido namorado é ridículo; fingir que o está, é incómodo; é contra os interesses domésticos; é desmentir a natureza. Finalmente, Sra. Margarida, um bom marido é isto que eu sou, e uma mulher impertinente é o que é a minha. Então que diz vossemecê a isto?

MARGARIDA

Digo que sim.

JORGE

Diz que sim o quê? O que é que vossemecê diz que sim?

MARGARIDA

Digo que a Sra. D. Augusta é uma santa, e que V. Exa é um mau coração.

JORGE

Veja iá que se não exceda, Sra. Margarida. Lembre-se que...

MARGARIDA

Que sou sua criada... Esqueci-me, e peço perdão. Pensei que estava ainda em casa dos pais da sua senhora, onde vivi sempre como irmã. Vi nascer a Sra. D. Augusta que me estimava e respeitava tanto como a sua mãe. Até me lembra que v. Exa, quando namorava a menina, me dizia a mim que eu era a segunda mãe dela. Depois que v. Exa entrou nesta casa, como dono, é que me convenci de que nunca fui senão criada. Não importa. Para v. Exa sou o que sou, e para sua esposa sou o que era dantes.

JORGE

Muito bem, Sra. Margarida, muito bem. Estou repeso e contrito da minha audácia. Desde hoje em diante declaro-me mártir; e como não há martírio sem algoz, fica sendo a Sra. Margarida minha sogra honoraria, sogra prendada, atendendo ao seu muito mau génio, muita rabugice, e mais partes que concorrem na pessoa de vm.co. E para não a enfadar mais, com a devida vénia, retiro-me, e quando minha mulher sair da capela, tenha a bondade de dizer-lhe que eu hoje vou almoçar com uns amigos. (Sai.)

(Margarida senta-se um pouco afastada do berço, limpando as lágrimas.)

CENA II

D. AUGUSTA e MARGARIDA

D. AUGUSTA, depondo o livro e vindo ao pé do berço

Deve muito a Deus a mulher que é mãe com eu sou. Embora lhe faleçam as alegrias do coração, restam-lhe estes prazeres. Quando o Senhor nos põe um berço sobre a campa das ilusões, injustamente nos queixamos dos rigores do destino. (Ajoelha ao pé do berço.) Consolação muda de tantas lágrimas. Balsamo a tanta ferida que o mundo não vê!... Porção do meu sangue aonde não entrou ainda o veneno das lágrimas.. Vem cá, Margarida! Vê como é lindo! Olha... A sorrir-se. Sonha uma festa de anjos... Deixa-me beija-lo..

MARGARIDA

Com cuidadinho.. Não acorde o menino... Estou a vê-la, quando tinha dois anos, menina. — Era assim. — Quantas vezes sua mãezinha me chamou também ao pé do seu berço, e disse-me: — Margarida, qual será a sorte deste anjo.

D. AUGUSTA

E o coração que te dizia?

MARGARIDA

O coração dizia-me que não há ninguém feliz neste mundo. Mas fosse eu dizer à sua mãe que Deus levasse a menina para si, antes de conhecer os perigos deste vai de lágrimas... Zangava-se comigo, e dizia-me que eu tinha inveja da sua felicidade. Depois, quando a Sra. D. Augusta chegou aos sete anos, era um louvar a Deus a sua esperteza; e eu então dizia á mãezinha: Esta menina é do céu; uma esperteza assim não é deste mundo.» A sua mãe então arrenegava-se toda, e perguntava-me se neste mundo só ficavam os tolos.

D. AUGUSTA, sorrindo

Podias dizer-lhe que contentes só ficam esses... Se esta criança me morresse agora, a que outra afeição se ampararia a minha vida!? Para mim não há Providencia visível, não há sinal de misericórdia, senão aqui. Lanço os olhos ao meu futuro, e vejo sempre e unicamente meu filho. Deixa-me sorrir também a este raio de luz. Bem-dito seja o Senhor, que me está ali criando um coração, ao mesmo tempo que o meu se desfaz em lágrimas.

CENA III AS MESMAS e JORGE

(Jorge vai passando, vestindo as luvas; olha casualmente, e pára.)

D. AUGUSTA

Sais tão cedo, Jorge?

JORGE

Já passa das dez.

D. AUGUSTA

Não almoças em casa?

JORGE

Não, menina; já o disse a Margarida.

D. AUGUSTA

Queres ver o anjinho, como dorme tão lindo e tão sereno?

JORGE, chegando ao berço Está muito lindo... Até logo.

D. AUGUSTA

Que frieza!

JORGE

Não pensei que me querias ver abrasado na contemplação da criança.

D. AUGUSTA, com triste ironia

Ardes em muitos fogos, Jorge. Bom é que te refrigeres nestes insípidos prazeres de família.

JORGE

É uma ironia fina e imaginosa... Até logo... (Aperta-lhe a mão que ela não larga).

D. AUGUSTA

Quando cairá desta mão o cálice de fel que me dás, Jorge?

JORGE

Estás trágica, menina! Se há cálice de fel, havemos de bebe-lo ambos. Não principiemos mal o dia que está lindíssimo. Ri a natureza; porque hás de tu chorar?!

D. AUGUSTA

Vai, vai rir com a natureza; mas não esqueças os que choram.

JORGE, severo

E porque choras?

D. AUGUSTA

Porque te amo.

JORGE

E eu naturalmente odeio-te?

D. AUGUSTA

Não me odeias, meu amigo: achas-me de mais na tua vida.

JORGE

Não amo realmente as mortificações, Augusta. Tenho o depravado gosto de aborrecer as lágrimas inexplicáveis. Estou bem com a minha consciência — é tudo.

D. AUGUSTA

Bem com a tua consciência?... (Gesto de enfado em Jorge) Vai, não te consumas.

JORGE, ao tirar da algibeira um lenço, com impaciência deixa cair uma carta.

A tua generosidade já não vem a tempo. Vou ver como todos os homens são felizes. (Sai.)

CENA IV

D. AUGUSTA e MARGARIDA

D. AUGUSTA, ao pé do berço

Acolhe-me tu, meu filho! Quando abrires os olhos, verei a luz do amor, e mais tarde a do amor compadecido.

MARGARIDA, erguendo o papel

Uma carta aqui

D. AUGUSTA

Dá-ma. Caiu talvez da algibeira de Jorge.

MARGARIDA

Sem sobrescrito, senhora!... Não leia.

D. AUGUSTA, trémula Que não leia?! Porquê?...

MARGARIDA

Olhe que pode ser coisa que a faça sofrer muito.

D. AUGUSTA, abrindo a carta

A incerteza é pior... Incerteza! Pois não sei eu tudo?.. (Lê.) Ás dez horas e meia em ponto.»

MARGARIDA

Só isso?

D. AUGUSTA

Só! Ás dez horas e meia em ponto.»

MARGARIDA

Isso não quer dizer nada. É de algum senhor que o convidou a almoçar ás dez horas e meia

D. AUGUSTA

Espera... O papel está marcado.. Oh meu Deus... Isto é impossível... (Lendo.) Barão de Fanzeres...

D. AUGUSTA, aflição muito concentrada

Também tu, Sofia! (Sorrindo.) Que importa! Sejam todas!... Alma, meu Deus!

CENA V

AS MESMAS e JORGE

(Jorge entra, procurando disfarçadamente; vai sair da cena por uma porta lateral.)

D. AUGUSTA

Está aqui. (Mostrando o papel.)

JORGE, confuso

O quê?... Ah! É o bilhete do barão de Fanzeres...

D. AUGUSTA

Não era isto o que vinhas buscar?

JORGE

Não.. Vinha buscar umas luvas, que me caíram os botões destas.

D. AUGUSTA

Pois não te demores, Jorge. São dez e doze minutos. A pontualidade é prova de fina educação com os homens, e de primor de coração com as mulheres.

JORGE, com gravidade

Que quer dizer isso?

D. AUGUSTA, idem

Quer dizer que vás. Respeita-me, ao menos, Jorge. É a primeira vez que passo por estúpida aos teus olhos. Estúpida é a baronesa de Fanzeres, que determina as horas das suas entrevistas em papel com marca do seu marido. Vai, que é digna de ti. (Ao sair da sala) Margarida, traz o terço do meu filho. (Saem).

CENA VI

JORGE, só

JORGE, reparando na marca do papel

É realmente estúpida a baronesa! Escreve-me uma linha de letra torta, e sem assinatura para se não comprometer, e leva o excesso de cautela até a escrever num papel em que vem o nome e o brasão do seu marido. É esperta a criatura! Pelo que vejo, o papel nesta casa é comum de dois. Hei de indagar se o barão escreve as suas cartas amorudas no papel da baronesa. Sublime sistema das compensações! Sobeja-lhe em formosura o que lhe falta em inteligência! Não tem prática — é o que é. Mas como será isto com Augusta! Ia-me esquecendo que eram amigas íntimas...

CENA VII

JORGE e TEOTÓNIO DA CUNHA

CUNHA, entrando

Olé!...

JORGE, à parte

Que vem aqui fazer agora este homem?

CUNHA

Que madrugada é esta! Um elegante, de ponto em branco ás dez horas da manha! Aventura amorosa, decerto não, por dois princípios, um do código social, outro do código do bom tom: primeiro, porque o Sr. Jorge de Melo é um modelo de esposos... (repare como eu disse isto em voz

alta, e admire-se da minha discrição). Segundo, porque não há senhora de boa sociedade, visível ás dez horas da manhã, (ao ouvido) a não ser a baronesa de Fanzeres, que ás nove e um quarto passava de carruagem no campo de Santo Ovídio.

JORGE, risonho

O Sr. Teotónio da Cunha vem bonito! Quem me dera o seu bom humor...

CUNHA

Hoje não mo inveje, meu caro amigo. Ergui-me frenético, saí ás sete horas da manhã, e preciso de vítimas. O Sr. Jorge há de sacrificar-se á minha zanga, há de ter a condescendência de ser hoje a minha vítima.

JORGE

Não pode esperar a vítima até á noite?

CUNHA

Não posso, por duas razões. Há de notar que eu tenho sempre duas razões para todas as coisas. Primeira razão, porque daqui até á noite receio que se me desvaneça a ideia com que me ergui, de ressuscitar a cavalaria andante... Se quiser, chame-me o cavalheiro da triste figura, que eu não me ofendo. Ora, se o propósito de endireitar tortos se desvanece, receio muito que o meu amigo, de torto que está, não torne mais a endireitar-se. Segunda razão, porque não posso esperar a vítima até á noite, é porque receio que o Sr. Jorge de Lemos vá ser vítima noutro holocausto mais cruento. Dito isto, conduza-me a um esconderijo da sua casa, onde possamos conversar sem ser ouvidos nem interrompidos.

JORGE

A minha mulher está longe daqui, e ninguém nos interromperá. Sente-se.

CUNHA

Se me dá licença, passeio... Leio-lhe a impaciência na testa, Sr. Jorge. Está morto por me dizer com que autoridade lhe imponho estes meus ares de importância, que o molestam. Respondo, e dou-lhe uma novidade: o pai da sua senhora morreu-menos braços, naquele quarto, e as últimas palavras que me disse foram estas: se não quiseres ser marido da minha filha, sê pai dela». A primeira pessoa, a quem revelo as palavras do moribundo, é o Sr. Jorge. Desde este momento, semelhante revelação obriga o meu amigo a ^olhar-me, se não com mais estima, pelo menos com mais seriedade. Fica sabendo quem sou. (Jorge sorri). Esse riso, traduzido á letra, devia ser uma ironia apimentada e alegre.

JORGE

Não, senhor. Acho apenas alguma novidade na sua posição... É assim uma espécie de procurador de defuntos...

CUNHA

Não lhe disse eu que havia de ter graça a sua ideia? Era pena perder-se isso... Agora sentar-me-ei. Veja se pode ouvir-me sisudamente. Eu fui a pessoa a quem o Sr. Jorge se dirigiu solicitando a mão de Augusta. Fui na qualidade de subtutor quem moveu o consentimento do conselho de família, abonando as suas boas qualidades... Abono de que principio a arrepender-me.

JORGE

Isso é forte, Sr. Cunha!

CUNHA

As suas boas qualidades para marido... Completo a ideia. Ora, destas duvida o senhor tanto delias como eu... (findo) parece-me...

JORGE

Pois eu sou mau marido?!

CUNHA

É péssimo.

JORGE

É incrível que me fale seriamente.

CUNHA

Péssimo marido e péssimo pai. Eu tenho a história dás suas leviandades de cinco anos de casado. Talvez que o senhor a não saiba tão circunstanciada, nem se recorde como eu dos nomes das heroínas. Quando se quiser rever nos seus feitos ilustres fale comigo, que me dei á enfadonha honraria de ser o seu Plutarco. Em cinco anos, entre duas dúzias de mulheres, a que menor quinhão tem tido no seu amor, é sua mulher. E ela sabe-o, porque o meu amigo, de todas as suas afeições, o mais que tem saboreado é o escândalo. Augusta não vive numa sociedade em que se lhe esconda por compaixão o desdouro e a perfídia. A pretexto de a

lastimarem, as suas amigas mostravam-lhe ao dedo as indignas rivais que v. Exa lhe dava.

JORGE, rindo

Rivais! Ora, pelo amor de Deus... Mulheres!

CUNHA

Mulheres que o senhor levanta num pedestal de barro; mas, em quanto dura o barro, julgam-no elas pedestal de bronze, e riem da mulher que já nem de barro o tem... Disse que é péssimo pai. V. Exa. Está casado há cinco anos. Metade do que havia de ser património do seu filho está dissipado.

JORGE

O que dissipei era meu, era o meu património.

CUNHA

E começa agora a dissipar o património da sua senhora.

JORGE

É possível.

CUNHA

Mas pode ser difícil.

JORGE

Quererá o Sr. Cunha anunciar-me que me vai ser tirada a administração da casa?!

CUNHA

Não, senhor; mas receio que v. Exa., passados alguns dias, não tenha casa que administrar.

JORGE

E quem me pedirá contas?

CUNHA

As lágrimas da sua mulher; mais tarde o odio do seu filho; e mais que tudo o desprezo publico. Sabe o Sr. Jorge que tremendas contas dá a uma sociedade avultadora o que foi expulso delia com o ferrete de pobre?

JORGE

Eu não estou pobre. O património da minha mulher está intato. Aí estão as propriedades que recebi no valor de cinquenta contos de réis.

CUNHA

Decorridos cinco anos, a fome há de entrar nesta casa. Do património de Augusta há de sair amanhã a pulseira de brilhantes para brindar a baronesa de Fanzeres no seu natalício; e as alfaias para mobilar a casa da costureira, e a sege da atriz, e os lautos banquetes aos que lhe vendem as

ovações da cantora. O Sr. Jorge está perdido, e resvala ao abismo pela ladeira do vilipêndio. Um cavalheiro despeja os seus haveres num charco de lama, e respeita como sagrado o dote da sua mulher.

JORGE

Repare que me está ofendendo, Sr. Cunha. (Ergue-se).

CUNHA

É que eu estou ouvindo as palavras do pai moribundo de Augusta: se não quiseres ser marido da minha filha, sê pai dela».

JORGE

E porque não foi marido?

CUNHA

Respeitei-lhe o coração; e a Providencia pagou-me esta rara virtude dando-me o pesar de ter sido o motor do seu casamento.

JORGE

Franqueza por franqueza, Sr. Cunha. Eu não sou feliz.

CUNHA

Que novidade me dá! A felicidade não se encontra no caminho que o senhor trilha. Um homem feliz não faz desgraçada sua mulher. Para que a tristeza e o tédio da vida lhe amargurem os prazeres criminosos, basta-lhe contemplar na sua casa o espetáculo de uma angústia silenciosa. Não é feliz o homem que esconde á reprovação publica os seus contentamentos. Sr. Jorge, eu vou fechar o enfadonho aranzel com uma máxima da minha lavra: As quedas de algumas mulheres justificam-nas alguns maridos».

JORGE

Mas eu sou daqueles maridos que preferem justificar-se de um assassínio quando as mulheres caem.

CUNHA

Ó meu pobre barão de Fanzeres, porque não vens aqui aprender lições de dignidade! Estou já de bom humor, Sr. Jorge. O intono da sua austeridade de marido restituiu-me ao mundo patarata. Siga o seu destino. Eu fico para ver Augusta.

JORGE

A matéria não está discutida, Sr. Cunha. Vou sair, mas falaremos hoje.

CUNHA

Quando queira.

(Jorge sai. — Cunha senta-se profundamente pensativo).

CENA VIII

CUNHA e MARGARIDA

MARGARIDA

Venho pedir lhe que não saia sem falar á senhora.

CUNHA

Eu ia manda-la chamar.

MARGARIDA

Dê-lhe animo, que está hoje muito aflita.

CUNHA

Que houve?

MARGARIDA

Apareceu aqui no chão um bilhete da Sra. Baronesa de Fanzeres.

CUNHA

E ela viu-o?

MARGARIDA

Desgraçadamente... Ela aí vem.

CUNHA

Deixe nos, Margarida.

CENA IX

D. AUGUSTA e CUNHA

D. AUGUSTA

Não lhe trago o meu Carlos, porque está a dormir profundamente. Há pouco abracei-me a ele, e nem assim acordou. Ainda bem que a criancinha é insensível ás ansias aflitivas com que ás vezes a abraço.

CUNHA

Não precisa dizer-me que sofre. Assim envelhece muito cedo. Deixe falar o coração... Queixe-se do seu destino.

D. AUGUSTA

Já nem me queixo. Os golpes novos, quando chegam, já não encontram fibra inteira no coração.

CUNHA

Que novo golpe temos?

D. AUGUSTA

Novo... Nenhum: é uma dor semelhante ás outras.

CUNHA

Diz bem; dores semelhantes, e mulheres semelhantes ás outras dores e mulheres.

D. AUGUSTA

Mas esta última afronta doe-me mais. A baronesa era minha amiga de infância, minha visita de todos os dias, e até minha hospeda no campo. Deplorava o meu infortúnio, e encarecia a vantagem de ser casada com um homem idoso, amigo desvelado como um pai, e morto para as paixões que empeçonham a felicidade domestica. Falava-

me do seu bem-estar com entusiasmo, e da pureza do seu coração com vaidade. Tão discreta se fazia em pontos de honra, que não visitava, nem recebia mulher suspeita á opinião pública. Quando eu lhe pedia que fosse menos austera, porque há casos em que é caridade o perdão, reprovava a minha tolerância, dizendo que nunca há desculpa. Há poucos dias me ouviu ela falar com dó e simpatia de uma mulher forçada á culpa por indiferença e desprezos do seu marido; irritou-se tanto, que chegou a perguntar-me se eu seria capaz de tão infame desforra. Ora, aqui tem a mulher que escreve ao meu marido, Sr. Cunha.

CUNHA

É mais um fato que lhe sobeja, minha senhora, para estar contente, ufana e orgulhosa de si. Chore, que tem razão. Ai daquela que não chora, quando tem o seu viver! Desengano após desengano. O coração amigo, em que vertia Augusta as suas lágrimas, oferece-se-lhe agora cheio de peçonha. A virtude não é sempre um respiradouro para aflições tamanhas. Há uma honra que sufoca e mata, o mundo

aplaude-a, como nos circos se aplaudia a coragem dos mártires; mas deixam-nas morrer. Isto há de remediar-se, minha filha. É a primeira vez que lhe dou este nome, e dar-lho é adota-la, Augusta.

D. AUGUSTA

Reserve todo o seu bem fazer para meu filho, Sr. Cunha. Eu nada quero, se é certo que perdi o amor de Jorge. Vingança só praticaria uma — a que pudesse restituir-mo. Dizem-me que a pobreza me ameaça: não penso nisso. Pobre e amada por ele abençoaria a desgraça que me ensinasse a tirar do coração recursos com que pudesse vencê-la. O infortúnio deve identificar-se mais intimamente duas almas apaixonadas. Quem me dera conhecer a adversidade, de modo que Jorge me pedisse a mim... Só a mim... Alentos para resistir-lhe!...

CUNHA

Nobre alma! Espere, Augusta; espere dias melhores. Veja que não está só no mundo.

D. AUGUSTA

Estou.. Perdoe-me Deus!... Só, não. Tenho o meu filho, e verei sempre nele o meu Jorge. Resta-me aquela imagem do amor dos dias felizes. Mãe como eu sou nunca outra o será de filho tão querido. Nenhuma outra há de abençoar Jorge, por lhe deixar nos braços um confidente de lágrimas. Sabe-se o que é ser mãe, quando se pede a um filho â compensação de todo o amor que se perdeu... Venha vê-lo, Sr. Cunha.

CUNHA

Vamos já; mas primeiro responda-me. A Sra. D. Augusta, por amor de si própria e do seu filho, quer divorciar-se do seu marido?

D. AUGUSTA

Como?! Divorciar-me por amor do meu filho!?

CUNHA

Sim. Quer salvar-lhe o património?

D. AUGUSTA

E para isso é necessário separar-me de Jorge?

CUNHA

É

D. AUGUSTA

Não me separo do meu marido, Sr. Cunha.

CUNHA

Mas seu marido em poucos anos desbarata o restante da casa.

D. AUGUSTA

Paciência.

CUNHA

E o seu futuro, e o futuro dessa criança?

D. AUGUSTA

Será o trabalho; eu, trabalhando para sustenta-lo, dar-lhe-ei o exemplo.

CUNHA

E não receia que ele venha a pedir-lhe contas?

D. AUGUSTA

Hei de educar meu filho de modo que ele nunca ouse pedir contas aos seus pais. Quem acredita no amor da mulher que arrasta, por amor da fortuna, seu marido aos tribunais?

CUNHA

Que mulher!

CENA X

OS MESMOS e A BARONESA

BARONESA

Eu vou entrando sem me anunciar.

D. AUGUSTA

Ela! Meu Deus!

CUNHA

Sra. Baronesa, minha senhora.

BARONESA

Isto que é, Augusta? Que sobressalto, e que palidez te causou a minha chegada! Que tens tu? (Senta-se Augusta

ansiada.) Não me diz o que significa isto, Sr. Cunha?

CUNHA

Significa um incómodo nervoso... (Aproxima-se de Augusta, em quanto a baronesa, a distancia, medita concentrada.) Constranja-se, e seja superior a si mesma.

BARONESA, aparte

Será desconfiança! Jorge não está em casa...

D. AUGUSTA

Ah!... Ouço chorar meu filho... Eu volto já.. (Sai.)

CENA XI

A BARONESA e CUNHA

BARONESA

Coisa esquisita! Estará ela zangada comigo?

CUNHA, depois de uma risada sarcástica

V. Exa como passou?

BARONESA

Que maneiras! Acho toda a gente transfigurada!

CUNHA

Toda! Pois já encontrou lá fora transfigurações? O Sr. Barão de Fanzeres como está? Transfigurado também?

BARONESA, a meia voz

Sabem tudo!... (Alto.) Sr. Cunha, queira fazer os meus cumprimentos a Augusta. (Faz menção de sair.)

CUNHA

Ela aí vem, minha presada senhora... Conversem que eu vou ver o pequeno, e volto logo. Console-a, e seja sempre a sua verdadeira amiga.

CENA XI

A BARONESA e D. AUGUSTA

D. AUGUSTA

Não te sentas, Sofia? Saíste muito cedo. Há alguma novidade?

BARONESA

Não. O meu marido partiu de madrugada para Braga. Acompanhei-o duas léguas, e voltei. Estava tão melancólica, tão aborrecida, que saí outra vez para distrair-me, e vim estar contigo um bocadinho.

D. AUGUSTA

Fizeste mal, menina. Estou hoje insofrível! Se precisas que eu te mitigue as saudades, ou te adoce o azedume da

solidão, não podias vir a pior porta. Tomara eu ânimo para poder com a minha desventura.

BARONESA

Pois que tens, Augusta? Dissabores com Jorge, não é assim?

D. AUGUSTA

Tenho este viver que tu sabes. (Fitando-a.)

BARONESA

Eu!

D. AUGUSTA

Sim.. Pois não tens sido sempre a minha amiga única no desabafo? Não tens sondado tantas vezes as feridas da minha alma? Como não há de chorar sempre a mulher que se vê sozinha com um filho que não lhe entende as dores? Tremenda deve ser diante de Deus a responsabilidade de

quem me faz tanto sofrer! Se essas mulheres, que me roubam a pedaços o coração do meu marido, vissem, como tu, Sofia, o que é este demorado morrer amando, morrer sem poder odiar o homem, que nem sequer me perdoa as lágrimas!.. (Exaltada.) Infame seria aquela que se não compadecesse de mim! Infame serias tu, se visses a olhos enxutos... (Suspende-se comprimindo a cara).

BARONESA, em sobressalto

Augusta! Que exaltação!

D. AUGUSTA, quebrantada

Olha, Sofia... A imaginação não pode idear os quadros feios que se acham na vida real. São muito engenhosos os expedientes da desgraça! Faz-me já nojo a vida! Deus me feche os olhos, que não quero ver mais. Deus me leve meu filho, antes que ele amaldiçoe quem lhe deu o ser. Ó Sofia... (Apertando as mãos convulsamente.) Como isto é triste! Tu...

BARONESA

O quê, filha?

D. AUGUSTA

A ti pediria eu que levantasse a tua voz de esposa digna, e fulminasses a mulher sem alma e sem pudor; que viesse verter mais fel no meu cálice. A ti pediria eu que viesses ganhar para mim o coração do meu marido... Era a ti que eu iria queixar-me da amiga que me atraiçoasse... Onde está a minha quase irmã? A consoladora das minhas mágoas? A esposa exemplar que dava lições de paciência e dignidade àquelas que, por desprezadas, oscilavam entre o dever e a tentação?

BARONESA

Eu ouço-te uma linguagem, Augusta! É possível que tu imagines um absurdo repugnante!...

D. AUGUSTA

Cala-te, que eu sei tudo. O vilipêndio é para nós ambas. A maior dor e a maior vergonha é para mim. Não sei com que palavras se castiga a grandeza do teu crime!... Para que vieste aqui? Se amas Jorge porque me não odeias a mim?

BARONESA

Se amo Jorge! Enlouqueceste, Augusta! Ousou ele insinuar a suspeita de que o amo?

D. AUGUSTA, sorrindo

E amá-lo-ás tu, ainda que ele o creia? Estás tu bem segura de que o amas á hora mesma em que te espera? Não é o tremor nem a palidez que te denuncia... Não te irrites contra esses abalos de consciência.. Se tivesses a arte, que se aperfeiçoa no habito do crime, mal de ti! Ainda bem que descoras! Olha.. O infortúnio tem-me quebrantado. Ouviste-me muitas vezes falar das mulheres, que valiam mais que eu aos olhos do meu marido. Lembra-te que nunca proferi

contra elas expressões rancorosas. Tu mesmo te espantavas da minha angélica paciência. Vias-me estender-lhe a mão, e indignava-te a minha indulgência. (Toma-lhe a mão.) Sou para ti o que tenho sido para todas, e tu ficas sendo para mim tanto como elas... Isto não é vingança que te doa; mas se tiveres um resto de nobreza de alma, há de ser-te suave a penitência.

BARONESA

Tu estás enganada, Augusta! Mentiram-te! Estou inocente! Juro-te que...

D. AUGUSTA, levando-lhe as mãos aos lábios

Não te faças pior...

BARONESA

Juro-te por tudo quanto há sagrado, pelo amor que tens ao teu filho...

D. AUGUSTA

Que profanação! Que hás de tu jurar, Sofia! Não podes ter duas honras — uma para jurar aqui, e outra pela qual devias ás dez horas e meia jurar amor a Jorge.

BARONESA

Ás dez horas e...

D. AUGUSTA, com muita brandura

Fiz este mal... Se Jorge fosse um anjo com todos os encantos da sedução, e tu fosses uma mulher sequiosa de amor, devias vencer-te, e repeli-lo por amor de mim. Tu sabias que eu amo apaixonadamente meu marido; sabias que não posso reconciliar-me com o desamparo, e que vou de hora a hora ganhando anos para a sepultura... Devias esperar que eu um dia te chamasse para ensinares meu filho a orar por mim. Tu, Sofia, tu, minha rival!

(Impetuosa.) Como pode vencer-te essa infernal tentação!? Fugiria a um tempo da tua alma honra e piedade?... (Serena e alquebrada.) Vai, Sofia, vai. Tens tido muita coragem ou muita paciência... Vai, que não me hás de odiar nunca. Se dominares o coração de Jorge mais tempo do que eu pude, se me sobreviveres na posse desse tesouro tão fácil, não lhe fales de mim, Sofia; fala-lhe do meu filho... É para meu filho que eu peço a esmola da tua compaixão.

(Cunha aparece no umbral da porta por onde saíra.)

BARONESA, abraçando-a, e soluçando

Estás vingada, Augusta! Vê as minhas lágrimas, e perdoa-me, santa! Qualquer mulher poderia julgar-se inocente na minha situação; mas eu confesso o crime. Nunca falei a Jorge sem testemunhas; nunca lhe escrevi mais que três palavras, mas sinto-me esmagada pelo peso do meu remorso. (Ajoelha). Augusta, ergue-me tu dos teus pés. Reabilita-me diante de mim própria, que sou uma infame mulher...

D. AUGUSTA, erguendo-a e retendo-a abraçada

Quem poderia acusar-te, perdoando-te eu?

CENA XIII

AS MESMAS e CUNHA

CUNHA

Ser fraca não é ser infame, Sra. Baronesa. A culpa que se confessa com lágrimas de arrependimento, começa a ser virtude. (A baronesa soluça nos braços de Augusta).

CENA XIV

OS MESMOS e JORGE

JORGE, estupefato diante delas, que se abraçam chorando. Que situação é esta? A Sra. Baronesa chorando!...

CUNHA

É o crime humilhado e remido. É a virtude da sua esposa salvando uma desgraçada que o senhor ia fazer.

FIM DO PRIMEIRO ATO

ACTO II

Na mesma casa, a mesma ou diferente decoração do primeiro ato

CENA 1

JORGE só

JORGE, lendo e voltando a folha de uma carta

Rogo-lhe, pois, encarecidamente, que não torne mais aflitiva a minha vida. Respeite o remorso que com o tempo me há de ir purificando, até que eu possa um dia abraçar a minha querida, a minha generosa, a minha santa amiga, sem corar dela, de mim, de si mesmo, e de alguma outra pessoa, que me viu debruçada á beira do abismo. É inexorável, Sr. Jorge! Chega a ameaçar-me com as quatro palavras que imprudentemente lhe escrevi! Divulgue-as muito embora, que eu aceitarei o escândalo como expiação. Quando a consciência me absolva, insulte-me a sociedade. Perdoe-me Augusta, e condenem-me todos...» — há pouco que esperar desta mulher! Três anos de incansáveis solicitações... E uma paixão que não posso abafar... A paixão que faz e irrita as contrariedades... A paixão do homem que precisa do ar do coração, da poesia da vida, da

independência do amor livre, disto para que eu nasci, e que me falta neste viver de tédios, de enfados, e de monotonia brutificadora. Oh! Se hei de estar aqui face a face de uma mulher que não pode dar-me a felicidade, nem recebe-la de mim, mil vezes o divórcio!

CENA II

JORGE e CUNHA

JORGE, com gesto de enfado

Por cá, o Sr. Cunha...

CUNHA, risonho

Desse gesto carrancudo, a mandar-me sair não irá longe, Sr. Jorge!

JORGE

Pelo contrário, alegra-me a sua vinda, que tinha de o procurar.

CUNHA

Aqui me tem com as melhores disposições para cumprir as suas ordens.

JORGE

Soou a hora improrrogável da franqueza. O senhor sabe que eu sou desgraçado. Eu não me reformo, porque sou o que sou; não me fiz, e é preciso que me aceitem como fui feito. Augusta não é mais feliz do que eu, porque tem grandes defeitos, e pretendendo corrigir os meus, não emenda os dela.

CUNHA

De que defeito quer o Sr. Jorge que se emende Augusta?

JORGE

Dos defeitos da vaidade, do orgulho, da soberba, de absoluto predomínio que quer ter sobre as minhas ações e intenções. Que significa uma cena que presenciámos aqui há dias? Que veio aqui fazer a baronesa de Fanzeres?

CUNHA

Veio procurá-lo.

JORGE

Procurar-me!?

CUNHA

Justamente. Eu tive a perversidade de o reter aqui até ás dez horas e três quartos. A baronesa esperou-o até ás dez horas e meia. O senhor não foi; veio ela, amante impaciente, saber porque não tinha ido.

JORGE

E depois, a minha mulher..

CUNHA

A sua mulher continuou a faze-la confidente dos seus dissabores. A baronesa envergonhou-se de si própria, sacrificou o coração á consciência, e obedeceu a dois anjos que porfiaram em salva-la — o anjo das lágrimas, que era Augusta; e o outro anjo, chamado da guarda, a quem o Sr. Jorge já tinha cortado as azas. (Risonho).

JORGE

Seja o que for. É extremamente grave o que vou dizer-lhe, Sr. Cunha. Quero separar-me de Augusta. Não posso com este viver oprimido, manietado, escravo de considerações sociais, que não respeito nem suporto.

CUNHA

Isso é possível, com tanto que a sua senhora condescenda.

.

JORGE

Há de condescender. Nesta casa já não há nada comum entre nós. Se me conservo ainda aqui, é porque não quero

dar aso ás explicações escandalosas do público.

CUNHA

Sim, senhor... O motivo que v. Exa. Alega para divórcio é estar apaixonado pela baronesa de Fanzeres. Quer-me parecer mediocremente honesto o motivo...

JORGE

Alego que me não conformo ao génio da minha mulher; alego que sou mártir dos seus ciúmes há mais de quatro anos; alego que estou envelhecendo neste mútuo contínuo de desgostos; alego finalmente que...

CUNHA

Que não está bem assim, e quer estar melhor... A razão de estar envelhecendo é que me não parece muito atendível... Se os maridos, pelo fato de envelhecerem, requeressem divorcio...

JORGE

Não zombe comigo, senhor.

CUNHA

Não zombo. A hora da franqueza soou para ambos. Eu já aconselhei a sua senhora o divórcio, e ela respondeu que não queria. Lembrei-lhe a necessidade de salvar o seu dote, que v. Exa dissipava, e ela redarguiu-me que nem para salvar da fome o filho, citar o seu marido aos tribunais. Aí tem uma razão mais que alegar: pode também dizer que quer o divorcio porque sua senhora é tao intratável que, mesmo arriscada a pedir pão para si e o seu filho, não quer separar-se judicialmente do seu marido.

JORGE

Repito que não zombe, Sr. Cunha.

CUNHA

Sim, senhor, respondo com a zombaria ao Indecoro. O Sr. Jorge sai fora dos limites da seriedade e da decência, alegando as lágrimas da sua mulher como causa de divórcio. Lagrimas... São o único queixume de Augusta. O senhor que quer dessa infeliz? Querê-la-ia bastante depravada para fazer ás suas amigas o elogio do seu marido? Queria que ela quinhoasse da sua imoralidade dando á baronesa de Fanzeres os parabéns da conquista? Espera que ela, quando o senhor entra em casa saciado de libertinagens, ou raivoso contra as contrariedades, lhe saía ao encontro com os lábios cheios de sorrisos, e o coração contaminado pelo seu exemplo? Não deixe passar sem reparo esta frase : o coração contaminado pelo seu exemplo, Sr. Jorge...

JORGE

Reparei, e indigna-me a suposição.

CUNHA

Não se indigne, admire-se de ficarmos na hipótese. Augusta é uma dessas mulheres para quem olham todos os homens. O senhor é um desses maridos que autorizam as esperanças mais mal intencionadas.

Quando se mata com insultos o coração de uma mulher, não há que esperar da sua virtude, se ela não trouxe do céu a imortal inocência do anjo e a predestinação do mártir. Mas o senhor não crê em anjos nem em mártires, e é forçoso que creia em mulheres. Em que se estriba o seu orgulho para julgar-se invulnerável na sua dignidade de marido? É na virtude da sua esposa? Pois então respeite-a, se não pode ama-la; veja-lhe silencioso as lágrimas, se não pode enxugar-lhas... Tomo a liberdade de lembrar as palavras do moribundo pai de Augusta: «se não a quiseres para esposa, sê pai dela».

CENA III

OS MESMOS e AUGUSTA

D. AUGUSTA

Estava aqui o Sr. Cunha?!

CUNHA

Ia agora cumprimenta-la, minha senhora.

D. AUGUSTA

Jantas hoje em casa, Jorge?

JORGE

Estou ainda indeciso. Se poder desembaraçar-me de alguns negócios importantes, jantarei; mas se ás cinco horas não

estiver em casa, não me esperem. Vou vestir-me. Até já, Sr. Cunha. (Sai).

CENA IV D. AUGUSTA e CUNHA

CUNHA

Minha filha! Coragem. Olhe que a virtude triunfa infalivelmente. Esperança!

D. AUGUSTA

Resta-me uma. Vou fazer uma dolorosa experiencia no coração do meu marido. É a inspiração que brilha num espirito quatro anos em trevas.

Obedeço-lhe; posso ganhar muito, ganhar tudo: a certeza de que ainda sou amada.

CUNHA

Que vai fazer?

D. AUGUSTA

Sabe-o logo... Daqui a momentos...

CUNHA

Receio algum desatino, minha senhora!...

D. AUGUSTA

Se o for, já não posso valer-lhe. Não é desatino... verá. Ora o meu amigo, que tanto sabe do coração humano, diga-me se o crime não é um meio infalível de acordar um amor entorpecido?

CUNHA

É, quando o amor está entorpecido; note, porém, Augusta, que os sintomas de torpor e morte são muito semelhantes. Não vá enganar-se, ferindo o orgulho em vez de ferir o amor.

D. AUGUSTA

Se me enganar... (com altivez) se me enganar, invoco a minha dignidade, orgulhe contra orgulho, e ergo-me desta baixeza, deste desapreço em que estou aos olhos de Jorge.

CUNHA

Ergue-se; mas com todo o orgulho da sua virtude, não é o que quer dizer?

D. AUGUSTA

Nem eu sei que mulher possa erguer-se doutro modo.

CUNHA

Separar-se do seu marido?

D. AUGUSTA

Sim.

CUNHA

Com o seu património?

D. AUGUSTA

Não, senhor; pobre, com o meu filho.

CUNHA

Romance...

D. AUGUSTA

Oh! Nem o senhor conhece a minha alma!... Nem o senhor que ma vê formar-se desde o berço... Aí vem Jorge. Retire-se comigo, que é necessário. Venha, que eu conto-lhe tudo.

CENA V

JORGE e RAFAEL

(Cada um entra na cena por diferente porta)

JORGE

Que queres tu?

RAFAEL

Queria a v. Exa muito em segredo.

JORGE

Deram-te alguma carta para mim?

RAFAEL

Carta para v. Exa? Não, senhor... É a respeito cá de umas desconfianças...

JORGE

Diz o que é, depressa, que preciso sair... Desconfianças de quê?

RAFAEL

Eu vou contar tudo, porque sou muito amigo de v. Exa, e vivo do seu pão há cinco anos.

JORGE

Pois sim... Fazes bem... Vamos ao fim.

RAFAEL

V. Exa. Há de dar cavaco com o que e; mas o melhor é o meu amo não se dar por achado, e pôr-se de alcateia ver se pilha o melro.

JORGE

Que diabo dizes? Acaba com isso.

RAFAEL

É que a senhora tem um namorado.

JORGE

O quê?! Torna a dizer...

RAFAEL

Tem um namorado a senhora.

JORGE

Tu mentes, miserável! Provas disso, senão esmago-te!

RAFAEL

Esmaga-me! Agora essa! Ainda por cima esmaga-me! O tolo sou eu em me meter onde não sou chamado.

JORGE

Anda cá. Como sabes tu isso? Falia depressa, que não te faço mal.

RAFAEL

É que eu vi, sim, eu vi... (A meia voz, enquanto Jorge vai espreitar) Valha-me Deus! Estou tão atarantado, que nem já me lembra o que a senhora me ensinou.

JORGE

Que viste tu... Diz... Foi um homem o que tu viste?

RAFAEL

É verdade... Foi um homem.

JORGE

Aonde?

RAFAEL

Na rua... Sim, foi na rua... Pois onde havia de ser.

JORGE

E depois?

RAFAEL

E depois?... Mais nada... Ah! Sim... O homem ás duas por três olhava cá pra janela.

JORGE

E a senhora estava na janela?

RAFAEL

Eu do pátio não a enxergava, porque ela... Sim; estando eu, á proporção, aqui no pátio, e sendo a janela cá por cima, assim um pouco para traz, eu não podia ver a senhora; mas como pelos domingos se tiram os dias santos, acho que o homem olhava para a Senhora.

JORGE

E que mais? Falava-lhe da rua? Que figura tem ele? A que horas passa? É todos os dias? E de noite também o viste? Há quanto tempo? (Torna a ir escutar).

RAFAEL, a meia voz

Isto acaba por bordoada de criar bicho... Se desta escapo...

JORGE

Que dizes? Fala.

RAFAEL

Já falei...

JORGE

O que eu te perguntei, bruto!

RAFAEL

Ah! Sim... Se ele era alto, parece-me que é mais alto que baixo.

JORGE

Conhece-lo, se o vires?

RAFAEL

Acho que sim... Ele até me deu...

JORGE

Deu-te, porquê?

RAFAEL

Deu-me uma cartinha.

JORGE

Uma carta! E tu deste-a á senhora?... Ela já respondeu?

RAFAEL

Acho que não podia responder ainda, porque eu ainda a tenho aqui...

JORGE

Jesus! Bom rapaz! Dá cá...

CENA VI

Os MESMOS e CUNHA

JORGE

Vai espantar-se, Sr. Cunha! (Jorge abre a carta e corre com os olhos precipitadamente. O criado sai a um aceno de Cunha).

CENA VII

CUNHA e JORGE

(Vê-se Augusta por entre o reposteiro de uma porta ao fundo espreitando a intervalos).

JORGE

Traído, Sr. Cunha!

CUNHA

Traído! Como assim? Traído por alguma das suas queridas?

JORGE

Traído por Augusta! A minha honra enlameada! A minha dignidade esmagada sob o peso do ridículo! Veja essa carta!

CUNHA

É uma carta à sua senhora.

JORGE

Equivale o mesmo. É uma carta escrita a Augusta. Eu vou chama-la!

CUNHA

Espere. Não vá ainda. Eu tomo tanto a peito a desafronta da sua honra, como o senhor mesmo. Não precipitemos o desfecho Vejamos a carta.

JORGE

Leia.

CUNHA, lendo

Amo-a até á perdição». (Declama) Amo-a até á perdição. Isso é possível; mas a nossa questão é saber se Augusta está resolvida a aproveitar este homem perdido. (Lê) Paixão como-esta, quando cala no peito, é veneno de morte, se uma lagrima da mulher amada lhe não refrigera os ardores como orvalho do céu». (Declama) Este estilo costuma cavar o abismo das mulheres tolas. A Sra. D. Augusta, enquanto a mim, se lesse isto, ria-se, e ficava pura como um anjo. Até aqui o que vejo é um homem perdido, e parvo, que é alguma coisa pior.

JORGE

Veja o resto... Veja a traição.

CUNHA

Lá vou á traição. (Lendo) Um sorriso de v. Exa abriu-me o céu». Isto é que é a traição?

JORGE

Sorriu-se a esse homem!

CUNHA

Este sorriso é o elogio da alta inteligência da sua senhora. Augusta riu-se, porque adivinhou um mentecapto; riu-se por intuição desta carta, por vista dupla destas tolices; riu-se porque a mais modesta, senhoril, delicada e pungente resposta que uma senhora pode dar a um homem que a fita atrevidamente, é rir-se, embora esse sorriso lhe abra a ele um céu, como cá diz o lorpa, mas um céu de que falia o Milton, o céu dos tolos.

JORGE

O senhor está gracejando com a minha honra?

CUNHA

Não, senhor. Estou gracejando com a carta. L)á licença que eu leia as últimas linhas?

JORGE, abstraindo

Desonrado! A irrisão dos meus inimigos! A fábula da gentalha engravatada!

CUNHA, lendo

V. Exa. Não conhece o amor de um anjo, e todavia precisa ser amada por um anjo. A sua alma está viúva de afetos ardentes. Voe para mim neste mundo, que nos tem sido um deserto para ambos, e colheremos ainda flores nos jardins da vida». (Declama) Diz o homem que é anjo; e, como tal, convida sua senhora a segundas núpcias. Diz lhe que voe para ele; arranja um jardim no deserto, e promete ser com ela um modesto jardineiro. Tome lá a empada hedionda. (Dá-lhe a caria).

JORGE

Que conclui o senhor das suas impertinentes facécias?

CUNHA

Concluo que v. Exa deve erguer as mãos á Providencia dos maridos, agradecendo-lhe os rivais desta natureza.

JORGE

Augusta atraiçoou-me, Sr. Cunha. Nenhum homem envia uma carta destas, sem a certeza de que lha aceitam. O meu criado acaba de informar-me miudamente de tudo. O homem que escreveu isto, passa frequentes vezes em frente das minhas janelas, e encontra sempre Augusta. Agora, Sr. Cunha, agora o divorcio mais que nunca! Estou já infamado no conceito de um homem. É bastante: não preciso de outra ignomínia.

CUNHA

Venha cá. Que vertigens são essas que o sacodem? Em que está sofrendo o Sr. Jorge?

JORGE

Na minha honra.

CUNHA

E no seu orgulho.

JORGE

Justamente.

CUNHA

E no seu coração?

JORGE

O meu coração só pode ser ferido por alguns golpes de uma arma nobre. A perfídia dessa mulher encontra morto para o ultraje o coração que já o estava para o amor.

(Ouve-se um grito dentro dos reposteiros).

CUNHA

Nem aquele grito lhe chegou ao coração, Sr. Jorge?

MARGARIDA, dentro

Acudam á senhora, que está desmaiada! Sr. Jorge, Sr. Cunha! Venham depressa! Depressa, meu Deus! (Cunha corre a Augusta).

JORGE

É a vergonha da surpresa. Eu tenho a generosidade de a desprezar. (Sai).

CENA VIII

D. AUGUSTA, CUNHA e MARGARIDA

(D. Augusta amparada por ambos).

CUNHA

Foi horrível a experiencia, minha filha...

D. AUGUSTA

Não foi. Isto havia de ser assim, ou doutro modo. Estou desenganada. O punhal entrou fundo — chegou onde estava a esperança... Saem de uma vez pela ferida todas as lágrimas que havia de chorar. Vive-se assim e vive-se de todas as maneiras. Custa muito a morrer. Não há dor que mate quando se tem um filho...

CUNHA

E um pai.

D. AUGUSTA

Pois sim — seja-o; seja meu pai, porque eu tenho medo á solidão moral, ao terrível “sozinha” da mulher desamparada.

MARGARIDA

Desamparada!..

D. AUGUSTA

Fui má contigo, Margarida. Começo a ser má para todos. Toda a gente se fere nos espinhos da minha coroa. Perdoa-me tu, minha amiga, amiga da infância da minha mãe... Desde o berço que vejo nesse teu rosto o mesmo amor. É na desgraça que se aprecia um seio como o teu. Sei que serás sempre comigo no infortúnio... Mas., para que choras tu, se eu não tenho lágrimas?

CUNHA

Nem deve tê-las. Lembre-se de que me disse há pouco: se me enganar, invoco a minha dignidade; orgulho contra orgulho, e ergo-me desta baixeza, deste desapreço em que estou aos olhos de Jorge».

D. AUGUSTA

E não cumpro? Caí por ventura? A mulher só é fraca na felicidade. O heroísmo faz-se nas angústias, quando elas não matam logo. Como se não bastasse a religião a sustentar-me, tenho o meu filho; o meu segundo Pai; e tenho-te a ti, (a Margarida) amiga, amiga única...

CENA IX

OS MESMOS, BARONESA

BARONESA

Única, única amiga, minha Augusta!?

D. AUGUSTA

Tu aqui?! É uma surpresa...

BARONESA

O teu criado Rafael apareceu-me agora esbaforido, quando eu saia de casa, dizendo-me que viesse acudir a uma grande desgraça.

D. AUGUSTA, risonha — Desgraça, não, Sofia... Mas bom foi que viesses. Há de haver neste coração uma lagrima

para ti... Na despedida.

BARONESA

Na despedida?! Para onde vais tu?

D. AUGUSTA

Deus sabe onde irei.

BARONESA

Jorge sai do Porto?

D. AUGUSTA

Não. Jorge fica na sua casa. Esta casa, onde nasci e morreram meus pais, não é minha, é de Jorge... Nem de Jorge é... Olha; ali está (Indicando Cunha.) Quem para me fazer rica me fez infeliz. Se ele pedisse á herdeira dos meus pais o que esta casa lhe devia, eu seria hoje uma costureira feliz, a mulher de um artista amante da mãe dos seus

pobres filhos. Não me leve a mal, nem isto lhe doa, Sr. Cunha. A desgraça tem queixumes caprichosos. Fez uma grandiosa esmola: aproveite-se dela quem quiser e puder.

CUNHA

Não sai da sua casa, Sra. D. Augusta.

BARONESA

E quando saísses, irias para a minha.

D. AUGUSTA, serena

Se me amam, se querem que esta dor me não abafe, deixem liberdade á minha alma. Não me estorvem, que eu sou incapaz de dar um passo de que devam corar as pessoas que me estimam. Quando eu não for bastante para meu filho, então estenderei a mão em que ele tiver vertido as lágrimas da fome. Não queiram este espetáculo, que é triste. Vai para tua casa, minha amiga. O Sr. Cunha

acompanha-te, se vieste sozinha. Cá me fica a minha Margarida... Vão, vão...

BARONESA

Jesus! Eu não compreendo isto. Digam-me o que se passou. Isto que foi, Sr. Cunha?

CUNHA

Foi uma desventura grande que há de mais tarde trazer á sua infeliz amiga frutos abençoados, porque são abençoadas as lágrimas. A Sra. D. Augusta, suspeitando que o seu marido tocara o extremo do fastio e da indiferença...

CENA X

OS MESMOS e JORGE

JORGE, contemplando o grupo

Senhora baronesa...

BARONESA

Sr. Jorge, eu acabava de pedir a significação desta desgraça. Tenha bastante coragem para dizer com que alma faz sofrer esta mártir!

D. AUGUSTA

Obrigada, minha amiga. Eu não me lamentei ainda. Aqui não há mártir nem algoz.

JORGE

O que me falta ver é ser eu tido em conta de algoz da Sra. D. Augusta.

MARGARIDA

Pois que é o senhor, senão o algoz deste anjo?

D. AUGUSTA

Cala-te, Margarida.

MARGARIDA

Deixe-me desabafar, senhora; que isto clama justiça ao céu!

JORGE

Mas eu é que não dou ás minhas criadas a liberdade de erguerem a voz na minha presença.

D. AUGUSTA

Margarida já não é criada desta casa.

JORGE

Estimo muito, e até exijo que o não seja da senhora, no convento de Santa Clara onde vai entrar amanhã.

BARONESA

No convento! Porquê? Contra a vontade dela?

JORGE

Perdão, minha senhora. Aqui há uma só vontade que é a minha. O meu filho fica na minha companhia.

D. AUGUSTA, com impetuosa fúria

Mentes! O meu filho é a minha vida! Verás então o que é a força desta mulher que tu julgas esmagada! (Suspensão). Mata-me, primeiro, Jorge; mate-me primeiro! (Ajoelhando). Oh! Não me tires o meu filho... Eu nada te peço... Deixo-te

livre e feliz... Nada levo comigo; mas deixa-me levar o meu filho, que tu não amas, nem poderá amar-te nunca... Que é dele... Margarida... Vamos sair já... (Cunha suspende-a).

CUNHA

Não vá. O seu filho irá consigo, Augusta. Dou-lhe a palavra de honra, que vale uma certeza.

JORGE

Com que direitos se recomenda a sua palavra de honra, Sr. Cunha?

CUNHA

Disputemos quando quiser e como quiser. A Sra. D. Augusta não vai para o convento de Santa Clara. Não há lei que a force.

JORGE

Preciso dar uma satisfação á sociedade.

CUNHA

A sociedade pede-lhe há quatro anos uma satisfação das suas devassidões, e v. Exa ainda lha não deu. A sua mulher responde por si.

JORGE

Isto é infernal! O senhor é aqui um homem estranho, e todos dirão que pode assentar-me um pé na garganta! Não o sofro, nem o isento de me dar uma pleníssima satisfação.

CUNHA

Enfureça-se, mas escute. Sra. Baronesa, eu continuo a história que o Sr. Jorge interrompeu. Disse que a Sra. D. Augusta, suspeitando que o seu marido tocara o extremo do fastio e da indiferença, quis experimentar se o amor estava nele extinto pela monotonia da intimidade, e pela certeza de que ninguém lho disputava: Lembrou-se do ciúme como

estimulante, e urdiu um simulacro de perfídia, sem consultar alguém, e ouvindo apenas os conselhos desvairados da sua paixão. O resultado desta experiencia foi o Sr. Jorge considerar-se ofendido no seu amor próprio, na sua honra egoísta, no seu orgulho: mas do coração, confessou em termos desabridos e insultuosos que se não sentia ferido. Aqui tem v. Exa a história.

JORGE

Não se podia sofismar mais habilmente o crime, com efeito! A carta que o criado recebeu para entregar àquela Sra. Quem a escreveu? (Sorrindo.) Foi o senhor?

CUNHA

Eu? É banal a pergunta! Foi ela. Aqui tem o rascunho que ela primeiro escreveu sem contrafazer a letra. Concara-a com a que deve ter na algibeira.

JORGE, sarcástico

A sua memória faz testes milagres... Entendi...

D. AUGUSTA

São tardias e inúteis todas as explicações, Sr. Cunha. Poupe-me a alguma nova injúria do meu marido., A nobre curiosidade da minha amiga Sofia deve estar satisfeita. Creio que não desmereci aos olhos dela. As mulheres da nossa sociedade, penso eu que poderão chamar-me indiscreta, por não ter sabido adivinhar o desprezo que todas adivinham e algumas retribuem... E são felizes. Pensem o que quiserem de mim; mas indigna de apertar a mão ás mais dignas esposas, isso é que não poderão com justiça condenar-me. Tu, Jorge, julga-me como quiseres. Sou uma mulher morta para ti. Há muito que eu agonizava fora do teu coração. Foram quatro anos infinitos como os dias da mulher aborrecida, quando nela pode mais o amor que a dignidade. A dor passou. Nem sequer me comprazo em deixar-te o espetro do remorso no lugar da minha imagem. Pelo nosso filho juro-te que não. Matas-me; não tenho mais que te dizer.

BARONESA

Peça-lhe perdão, Sr. Jorge.

JORGE

Perdão! De que hei de eu pedir perdão? De não aceitar com jubilo a perfídia?

BARONESA

Qual perfídia! Pois ainda ousa proferir semelhante injúria! Peça-lhe perdão, senhor.

D. AUGUSTA

A injúria perdoo-lha. Perdão de me não poder amar? Seria um sarcasmo a súplica. Aqui, minha amiga, de ora em diante não pode haver senão dois mártires.

JORGE

Diz bem... Dois mártires — é essa a palavra.

D. AUGUSTA

A compaixão de hoje converter-se-ia amanhã em odio. Não, não, meu Deus! Eu não posso com a ideia de ser mulher que se impõe pela força de uma obrigação. Aceitei muita ingratidão, muito ultraje, muito suplicio com a alma atida a uma esperança. Esperava-o depois que o tédio dos vícios não restituísse. Agora sei que não voltará mais. Jorge, se eu puder tirar algumas lágrimas do coração, chorá-las-ei por ti diante de Deus, quando a mão da Providencia te pedir contas do coração que rasgaste á mãe do teu filho!... Adeus; adeus, Jorge.

CENA XI

CUNHA E JORGE

CUNHA

O senhor é um homem para se admirar! É impossível que não caia abaixo da altura desse cinismo!

JORGE

Cruzarei os braços na minha casa, diante do insulto.

CUNHA

Na sua casa! O Sr. Jorge de Lemos não tem casa alguma. Está tão pobre como sua mulher e como seu filho. Amanhã lho provarei.

JORGE

Há de ser curiosa a prova. (Rindo)

CUNHA

O satanás despenhado também se ria; e eu por um extremo de civilidade, rirei também com v. Exa

JORGE

Ser-me-á permitido, quando for expulso da minha casa, levar ao menos um par de pistolas?

CUNHA, oferecendo-lhe um par de pistolas,)

É-lhe permitido levar dois.

JORGE

Ver-nos-emos.

CENA XII

OS MESMOS, D. AUGUSTA, A BARONESA e MARGARIDA

D. AUGUSTA, em modestos trajos de sair, com o filho nos braços

Vê, Jorge! Não levo mais nada. Dentro deste seio vai o coração que tiveste para mim. Deixo-te tudo, e deixo-te pobre. A rica sou eu. Espero que ainda me peças a esmola de um sorriso desta criança... O meu filho, estás sem pai! (Abraçando-o.)

FIM DO SEGUNDO ATO

ACTO III

Uma sala pobremente mobilada, com portas laterais, e outra de serventia para a escada

CENA I

Margarida (Só)

MARGARIDA, limpando, e contemplando depois os móveis

E olha para esta pobreza com um sorriso de santa, aquele anjo! Deus me perdoe, mas quando oiço dizer que a virtude tem neste mundo o premio certo, olho para a vida desta senhora, e vejo que há virtudes muito desgraçadas... (.Pancada na porta) Quem virá tão cedo? (à parte) Quem é?

BARONESA, fora

Sou eu, abra, Margarida.

CENA II

MARGARIDA e a BARONESA

BARONESA, entrando

Jesus? Que casa esta! Augusta vive aqui?

MARGARIDA

Pois então, Sra. Baronesa; onde há de ela viver, senão na pobre casa da sua criada?

BARONESA

Ah! Esta casa é da Sra. Margarida?

MARGARIDA

É minha, porque eu tenho vergonha de dizer que é da minha ama. Bem sabe que a Sra. D. Augusta saiu da sua casa sem nada.

BARONESA

Bem sei, mas eu, vendo-a sair com o Sr. Cunha, supus que ele não a deixaria passar a menor privação.

MARGARIDA

Não; que a senhora não quis. No dia em que saímos, a senhora esteve em casa da sua costureira; depois eu aluguei esta casa, e viemos no dia seguinte. Logo que chegamos aqui, veio uma criada de mandado do Sr. Cunha, com um bilhete e um rolo de libras; mas a senhora tornou a mandar o dinheiro.

BARONESA

Eu também lhe mandei há três dias, uma nota numa carta, e ela devolveu-ma, dizendo que não tinha precisão. Fiquei

por isso mais certa de que o Sr. Cunha lhe dava meios para ela viver em comodidades. Coitadinha da pobre Augusta! Quem diria que havia de encontra-la neste estado!

MARGARIDA

Não lhe fale no Sr. Jorge, não, minha senhora?

BARONESA

Onde está ela?

CENA III

AS MESMAS e D. AUGUSTA

D. AUGUSTA

Estou aqui, minha amiga. Aqui tens a Eva deste paraíso terreal. Para ser completa a imagem do paraíso, sinto-me tentada a desejar uma cadeira estofada para te sentares; mas em quanto o desejo se não realiza, prova a tua paciência nesta cadeira de palha. Lembras-te dizer-te eu que morreria se me faltasse o sofá do meu quarto?! Que criancice! Deve ser bem fútil a dor da alma, quando as incomodidades molestam o corpo! Graças ao Senhor, sofro tanto, que chego a achar engraçados os caprichos da má fortuna... Ora, olha, Sofia; eu não aceitei o dinheiro que tiveste a bondade de mandar-me, porque me era inútil. Não me tomes como agulho o devolve-lo... Choras?! Então és tu a encarregada de chorar por mim?!

BARONESA

Não podes assim viver nem mais uma hora, Augusta. Vem para mim, vem para minha casa, de mãos erguidas to peço, chama-me tua irmã, se uma amiga não pode merecer-te tanto...

D. AUGUSTA

Eu sou verdadeira, Sofia. Nem o capricho nem o odio, nem o desejo de me fazer lastimar, podem obrigar-me a mentir. Acredita que, nas minhas circunstâncias, não posso estar melhor. Em tudo isto que vês há um reflexo da minha alma. Se me violentassem a deixar esta casa, assim como ela está, com o meu filho, e a minha boa Margarida, vertiam-me fel nas chagas do coração. Aqui não se chora, nem se falia do passado, filha... Estás a analisar as alfaias da minha sala? Foram escolhidas e compradas por Margarida. Queres ver uma coisa muito engraçada? Olha! Uma banqueta almofadada para os pés, numa sala em que é difícil tocar na mobília sem sujar as mãos. Esta Margarida tem lembranças!

BARONESA

Esse teu sorriso é cheio de lágrimas, minha pobre Augusta! Foge daqui, por piedade! A gente sente aqui terror, nesta miséria!

D. AUGUSTA

A mão da desventura não quebrou ainda o prisma da vida. Olha, minha amiga, se o crime tivesse entrado comigo aquela porta, isto devia ser horrível; mas o sofrimento imerecido dá ao espirito uma docilidade, um não sei quê de suave penitencia, que o faz conformar-se com tudo que aflige as pessoas felizes. Deus queira que nunca experimentes a doçura que começa no extremo da amargura.

BARONESA

E Jorge?! Que terá ele feito?

D. AUGUSTA

Que vens tu falar-me de Jorge? Isso é crueldade! Que posso eu dizer-te de Jorge?... É feliz... Que mais queres que te diga?.. Feliz! Aqui tens aquela mulher que ele adorava ã Que belo esplendor de alegria lhe iluminava os olhos, quando eu lhe dava uma esperança de o ligar á minha vida! Que apaixonadas pinturas ele me fazia da felicidade, através da infinita união das nossas almas! A felicidade! É isto, era isto o que a fantasia de Jorge entrevia quatro anos depois das suas quimeras!. (chora).

BARONESA

Filha! Tem piedade de ti própria... A Providencia não é uma mentira...

D. AUGUSTA

Não é, não. A Providencia é meu filho, é Margarida, és tu, é a minha resignação, é o poder chorar sem me achar culpada, é a certeza de que não estou expiando uma falta.

Que mais quero eu da Providencia? (Pancada na porta) Vê quem é, Margarida?

MARGARIDA

Quem é?

VOZ DE HOMEM

Faz favor de abrir. (Margarida consulta D. Augusta por um gesto).

D. AUGUSTA

Abre.

A VOZ

Mandaram me aqui entregar este caixãozinho á Sra. Margarida.

MARGARIDA

Uma caixinha para mim!? Vossemecê não responde? Ouça lá... Quem é que manda isto? (Voltando-se para a cena) O homem desceu, sem responder! Vejo o que é, senhora?

D. AUGUSTA

Porque não hás de ver!

MARGARIDA, abrindo

Ah! Que vejo! É o meu cordão, e os meus dois pares de brincos, e a minha pulseira, e os três alfinetes, e os anéis, e estas coisas. (Vai tirando os objetos que menciona).

BARONESA

Isso são notas.

D. AUGUSTA

Este ouro vendeu-o Margarida, sem eu saber, para pagar o aluguer da casa, e comprar os móveis. Disse-me ela depois que o ourives não a conhecia. Como será isto? Vê se vem alguma carta com as notas!

BARONESA

Seria Jorge que mandou isto?!

MARGARIDA, folheando as notas

É verdade, seria o Sr. Jorge?! Ai! Esperem... Aqui está um papelinho.. Ora leia, senhora.

D. AUGUSTA, lendo

«Oferecimento de uma pessoa a quem a virtude da boa Margarida impressionou até ás lágrimas». O dinheiro é teu, Margarida; aceita-o sem escrúpulo.

MARGARIDA, muito alegre

Meu!? É da minha ama! Vou comprar já um sofá para a senhora, e um piano, e umas persianas para as janelas. O melhor é alugar outra casa com jardim, e compra-se um carrinho para o menino, e vestidos para a senhora, e...

D. AUGUSTA

O que aí vai, o que aí vai! Ficas outra vez pobre, minha louca!

MARGARIDA

Pobre! Isso sim! A Sra. Baronesa sabe quanto é isto? Veja lá... (mostrando-lhe as notas).

CENA IV

AS MESMAS e RAFAEL

RAFAEL

V. Exa. Dá licença ao Rafael?

D. AUGUSTA

Ai! O Rafael! Vem cá, pobre rapaz! Já me tinha lembrado de ti!

RAFAEL

Eu tanto perguntei que atinei.

D. AUGUSTA

Coitado! Estás sem amo, não é assim?

RAFAEL

Isso lá que tem? Um homem em toda a parte acha um bocado de pão; mas o pior é a senhora, que pelos modos está pobre, segundo me disseram lá por fora. Valha-me Deus! Eu bem não queria dizer ao patrão as mentiras que v. Exa mandou. Bacorejava-me o coração que havia grande desordem!... Já agora, não tem remedio... Pois, minha senhora, eu queria dar uma palavrinha em particular a v. Exa, com licença da Sra. Baronesa.

D. AUGUSTA

Pois sim, Rafael. Olha, Sofia, vai ver o resto do meu palacete, e dá um beijo no meu Carlos, que ainda está na cama. (Margarida sai com a baronesa).

CENA V

D. AUGUSTA e RAFAEL

D. AUGUSTA

Podes falar, rapaz.

RAFAEL

Pois, minha senhora, eu vinha aqui, sabe Deus com que vergonha, vinha pedir a v. Exa um favor.

D. AUGUSTA

Diz, Rafael; se eu puder...

RAFAEL

Eu trazia o recado de memória; mas, a falar a verdade, fiquei assim a modo de... Tresnoitado, quando vi a senhora, que já nem sei o que digo...

D. AUGUSTA

Falia sem pejo... Que é?

Rafael Eu digo, minha senhora... Sou criado de v. Exa há cinco anos, e tenho juntado os meus vintenzinhos, porque fazia o meu negócio nos trapos, e nos ossos, e com as soldadas, e mais uns vinte e quatro mil réis que tive de legitima, pude juntar umas vinte moedas. V. Exa não há de levar a mal o meu atrevimento; mas eu não preciso deste dinheiro, e vinha trazer-lho, e v. Exa mo pagará quando tiver recebido o que é seu. V. Ex.t perdoe-me pelo amor de Deus.

D. AUGUSTA, enxugando as lágrimas

Rafael, eu aceitaria o teu dinheiro se o precisasse, assim como aceitei esta casa que Margarida me deu.

RAFAEL

Então a minha ama está em casa da criada?! (Reparando na mobília.) Lá me queria parecer isso... Nesse caso vou emprestar o dinheiro á Sra. Margarida.

D. AUGUSTA, sorrindo

Ela não precisa, Rafael. Mas olha pede-lhe que te receba como criado, e ficas connosco... O meu filho dá-se bem contigo...

RAFAEL, contente

Pois sim, minha senhora, eu fico criado da criada, e v. Exa.. Sim... V. Exa fica sendo outra vez minha ama; quero dizer, a criada é ama, mas eu sou criado da minha ama. Está dito. Deixa-me ir ver o menino, e dizer á Sra. Margarida que fico cá?

D. AUGUSTA

Vai, vai, excelente rapaz. (Rafael corre para a porta da escada.) Não é por aí, Rafael...

RAFAEL

Está aqui o Sr. Barão de Fanzeres.

D. AUGUSTA

O Sr. Barão?... Pode entrar.

CENA VI

D. AUGUSTA e o BARÃO DE FANZERES

BARÃO

Com licença.

D. AUGUSTA

Tem a bondade... (Indicando-lhe uma cadeira.)

BARÃO

Minha senhora, estimo que tenha passado bem e cogitado melhor no que lhe convém. É preciso ter juízo, e respeitar a ordem do mundo. (A baronesa aparece fazendo da porta um sinal de silêncio a D. Augusta.)

D. AUGUSTA

O que me convém, Sr. Barão, é respeitar muito as suas reflexões; mas por enquanto, não compreendo a intenção com que se digna fazer-mas.

BARÃO

Eu venho aqui porque fui amigo do seu pai, e sou amigo do seu marido, e da senhora, porque também foi amiga da minha esposa desde rapariga, e queria que continuasse a. Ser. Digna da amizade dela.

D. AUGUSTA

Eu creio que me não tornei ainda indigna da amizade das pessoas que me estimavam há quatro dias.

BARÃO

Não é tanto assim, e há de perdoar. Eu vim aqui para dizer o que sinto, e o que diz a opinião pública, que todos

devemos respeitar.

D. AUGUSTA

Falia mal de mim à opinião pública?

BARÃO

Não diz lá muito boas coisas... Vamos adiante. Deus me livre que dissesse o mesmo da minha Sofia... Mas já agora, o mal está feito, e o remedio é, minha senhora, entrar num convento para dar satisfação á opinião pública que todos devemos respeitar.

D. AUGUSTA

Sr. Barão, a sociedade, se v. Exa. Representa a sociedade, é atrozmente injusta comigo. Eu saí da companhia do meu marido porque já não tinha forças para ser ultrajada, nem forças para o obrigar a sofrer-me. Se tivesse família iria procurar o abrigo da minha família. Sou só e o meu filho, e aceitei esta casa como esmola de uma das minhas criadas.

BARÃO

O. Mundo não diz isso. O que por aí consta é que o seu marido apanhou uma carta de namoro e que a senhora em vez de entrar num convento, viera para aqui, a fim de estar mais á sua vontade. É o que diz a opinião pública que todos devemos respeitar.

D. AUGUSTA

O mundo engana-se, ou quer esmagar-me com a difamação. Se se engana, a verdade se saberá — creio em Deus. Se me quer matar, consegui-lo-á porque sei que a sociedade esmaga, quando quer, as vítimas que lhe não podem atirar punhados douro á cara.

BARÃO

Deixemo-nos de doutorices, Sra. D. Augusta. (Ergue-se.) Aqui é — pau, pau; pedra, pedra. — Eu sou casado, e sei quanto há de custar ao senhor seu marido este desarranjo.

A senhora tem obrigação de sofrer pelo seu homem! (Com solenidade.) Antes que cases olha o que fazes. A senhora quis, agora tenha paciência, aguente. Nem todos podemos ser bons maridos. A mulher é sujeita ao homem de direita divino e humano! A opinião pública, que todos devemos respeitar, não quer saber se a senhora tinha lá seus dares e tomares com o seu homem, o que nós sabemos cá por fora é que a senhora, saindo de casa, não quer estar num convento. Portanto, é decidir... E então? Não diz nada?

D. AUGUSTA

Ah!.. Estava abstraída... Não o ouvi... As suas palavras perdem-se; mas eu agradeço e aprecio a boa intenção com que as diz.

BARÃO

Quer dizer que a respeito de convento nada feito...

D. AUGUSTA

Uma mulher nas minhas circunstâncias, quando aceita o convento como castigo, confessa o crime: eu estou inocente, e não me envergonho da sociedade.

BARÃO

Se está inocente não o parece.

D. AUGUSTA

Venha tudo, meu Deus!

BARÃO

Eu daqui estou arrumado. Vou-me embora, e fique a senhora sabendo que a minha mulher se cá não tem vindo é porque eu não consinto, nem consentirei que ela cá venha mais. Passe muito bem...

CENA VII

OS MESMOS e A BARONESA

BARONESA

Não vás, sem levar a certeza de que eu dou ás tuas ordens e opiniões o valor que elas merecem.

BARÃO

Que se passa? Que vem a ser isto? Tu aqui? Oh!

BARONESA

Ainda bem que estou aqui para pedir a esta mártir que te perdoe as ofensivas brutalidades com que injuriaste a sua nobre dor. A que vieste aqui? Nesta casa, á presença desta infeliz, só pode entrar quem tem coração. Para que me

confrontaste com Augusta, se a envergonhada do confronto deve ser ela!?

BARÃO

Tu estás a abusar da minha bondade, Sofia!... Desculpo-te por agora, porque és amiga dela; mas em nome da minha autoridade de marido, mando que venhas para tua casa, já e imediatamente.

D. AUGUSTA

Vai, minha amiga, obedece ao teu marido, cuja alma é boa. A sociedade não há de sempre julgar-me como o Sr. Barão: ele me julgará melhor, e então serás outra vez a minha amiga. Espero reabilitar-me diante de v. Exa. Sem entrar no convento.

BARÃO

Vamos, Sofia.

D. AUGUSTA, desabraçando-a de si

Vai, vai, filha.

CENA VIII

OS MESMOS e CUNHA

CUNHA, no limiar da porta

A Sra. D. Augusta dá-me licença? Eu não encontrei o guarda-portão, e fui subindo. Naturalmente não me ouviram, porque os tapetes da escadaria abafam o ruido dos passos... Por aqui o jovialíssimo barão de Fanzeres... E a Sra. Baronesa lacrimosa.. (A D. Augusta) Como está, minha senhora?

D. AUGUSTA

Boa... Saboreando a vida.

CUNHA

A vida, amigo barão, é um favo de mel fabricado pelos anjos... V. Exa é que sabe sugar as delícias do favo. Vejam que alegria de alma espirra no rosto do meu folgado barão.

BARÃO

Vou vivendo, amigo e Sr. Cunha.

CUNHA

Pois viva, meu amigo, viva, faça a pirraça de viver aos gazeteiros do Porto, que estão ansiosos que v. Exa morra, para terem ensejo de lhe escreverem o necrológio em que o meu defunto amigo há de ser, ainda que não queira — bom cidadão, esposo exemplar., comerciante probo e modelo de caridade. — Eu, se cá ficar, a todos estes títulos hei de acrescentar-lhe o de inteligência não vulgar. Inteligência da vida, das coisas, das pessoas, das artes com que se conquista a opinião pública.

BARÃO

Que todos devemos respeitar.

CUNHA

Diz bem; particularmente depois que temos cinquenta contos de réis, por cuja procedência nunca a opinião pública nos pergunta. (A D. Augusta) Então, minha senhora, temos ou não temos heroína? (Tomando-lhe a mão) A pomba que anunciou a bonança aos que o Senhor salvou do diluvio, há de pousar nesta mão. Se Deus criasse angustias como as suas, e não desse á virtude o balsamo delas, desacreditava-se. Creia, e será salva. Não o entende assim, Sr. Barão?

BARÃO

Eu já disse o que pensava.

CUNHA

Ah! Sim?... V. Exa... Pensou, e disse...

BARÃO

Que o mais acertado era recolher-se ao convento.

CUNHA

Oh!... Ao convento?... Porque, entrando num convento...

BARÃO

Dá uma satisfação á opinião publica, que todos devemos respeitar.

CUNHA

E rezar por v. Exa e por mim, para que Deus nos perdoe uns certos pecadilhos de que a opinião pública nos não pede contas, inteligência não vulgar, dizia eu há pouco... Conte com a calúnia no meu elogio, meu caro Sr. Barão. Sra. Baronesa...

BARÃO, à parte

Parece que está a gozar comigo! (Alto) Vamos, Sofia.

CUNHA, à baronesa

V. Exa tem sobra influência no ânimo do seu marido para pedir-lhe que se demore (examina o relógio) nesta casa sete minutos. Só sete minutos. Só sete minutos, Sr. Barão, porque a sua presença é apreciável, quando se vai tratar um assunto relativo á Sra. D. Augusta, a quem v. Exa decerto não retirou ainda a sua consideração. Conto com a sua condescendência.

BARÃO

Estou aqui para o que for necessário. Vamos arranjar este negócio do melhor modo, 5 fim de dar uma satisfação. -

CUNHA

À opinião pública, que todos devemos respeitar. Sim, senhor. Agora peço á Sra. D. Augusta uma conversação particular de três minutos.

BARONESA

Nós vamos até lá dentro. Vem, barão.

BARÃO

Ó amigo e Sr. Cunha, não me demore muito, que eu tenho de ir á alfandega despachar, uma carga de aduela. (Saem).

CENA IX

D. AUGUSTA e CUNHA

CUNHA

Tenho meditado no seu destino, minha filha. Vejamos se os nossos pensamentos se combinam. Esta situação não pode continuar. Que tem resolvido?

D. AUGUSTA

Aceitar os dias que vierem iguais aos quatro que tem passado.

CUNHA

Augusta rejeitou o dinheiro que lhe enviei. Quem lhe dá os meios de subsistência?

D. AUGUSTA

Há de dar-mos o trabalho. Já foi Margarida a uma florista pedir encomendas. Vou recordar esta minha prenda querida dos quinze anos. Quando estiver mais sossegada de espirito, darei lições de piano, se as mães de família me admitirem na convivência das suas filhas. Entretanto vivo dos recursos de Margarida, única pessoa de quem posso aceitar o benefício sem humilhação.

CUNHA

Os recursos de Margarida devem ser pouquíssimos.

D. AUGUSTA

Não são. Ainda agora lhe remeteram o oiro que ela tinha vendido, quando saímos de casa, e algumas notas.

CUNHA

E será airoso a Augusta participar dessa dádiva, cuja origem pode ser impura? Pense, e responderá que não. Há uma certa imoralidade, muito festejada entre nós, que á vista da mulher formosa e infeliz, se embuça na capa da beneficência e de uma caridade poética que redunda em tentativa vil.

D. AUGUSTA

O bilhete, que acompanhava o dinheiro, exprimia sentimentos muito honestos. É uma pessoa que admirou a virtude da minha Margarida, e quer auxilia-la no seu nobre proceder. Se eu rejeitasse um quinhão do que tão bem quadra ao carater de Margarida, seria soberba e indigna do benefício. Se suspeito maldade em palavras tão puras, finjo uma descrença que não tenho ainda nos corações generosos e benfazejos. Quem escreve este bilhete, deve ser uma excelente alma. Veja...

CUNHA, á parte

Estou bem pago! (Alto) Isto é inocentíssimo na aparência; todavia, se me consulta, digo-lhe que-não toque num ceitil dessa dádiva, em quanto por algum ato posterior se não convencer da candura e caridade que inspirou a boa ação da sua criada. Augusta vai contrair um empréstimo que há de pagar com os seus bens, porque v. Exa. É ainda rica. O seu marido é que não tem oito palmos de terra fora do cemitério público. O seu marido é que está pobre

D. AUGUSTA

Pobre!... Mas eu não quero que Jorge seja pobre pela minha causa. Seja-o quando tiver dissipado tudo; mas eu empobrece-lo.. Que importa isso ao meu coração? Ninguém entende a minha alma, santo Deus!

CUNHA, examinando o relógio

Queira chamar a sua amiga e o barão. Demorem-se alguns instantes em quanto escrevo aqui um bilhete. (Mal sai Augusta, depõe a pena, e corre a abrir a poita, aonde algumas vezes viera escutar disfarçadamente).

CENA X

JORGE E CUNHA, a meia voz

CUNHA

Aqui tem a sala da sua criada, em cuja casa é hospeda sua senhora. A sua esposa e o seu filho recebem uma esmola aqui. Senta-se nestas cadeiras aquela gentil menina que v. Exa adorava, rodeada, das galas e pompas que não valiam nada em competência com o coração que o senhor lhe matou. Recorde-se. Foi para a despenharmos até isto, que o senhor ma solicitou, e eu, senhor do destino dela como um pai, lha entreguei.

JORGE

Basta, Sr. Cunha! Eu quero vê-la..

CUNHA

Há de primeiro ouvi-la... Esconda-se aqui, depressa, que ela aí vem...

(Jorge entra para um dos quartos laterais)

CENA XI

D. AUGUSTA, BARONESA, BARÃO, CUNHA e depois MARGARIDA, O MENINO

CUNHA

Falta-nos aqui a nossa boa Margarida.

D. AUGUSTA

Pois quer que ela venha?... Está com o menino.

CUNHA

(Chamando para dentro). Margarida, dê-me o menino. A criança há de estranhar o variegado destes estofos, e como é travessa há de ter arrancado os reposteiros e quebrado as porcelanas... (Tomando o menino dos braços de Margarida)

Estás lindo, meu pequerrucho! Se assim como tens os olhos, tiveres o coração da tua mãe, serás feliz...

D. AUGUSTA

Feliz!...

CUNHA

Com as damas contemporâneas dele, queria eu dizer. (Ao menino). Quereis ir á mamã? Vai, vai... (O menino vai para junto da mãe, que o senta nos joelhos.) Ora bem; não quero demorar o Sr. Barão, que tem de ir á alfandega despachar...

BARÃO

Uma carregação de aduela.

CUNHA

De aduela... Bem. Isto é um momento. A Sra. D. Augusta casou com o Sr. Jorge de Lemos, dotada com cinquenta

contos de réis. Em cinco anos malbaratou o Sr. Jorge o que era seu de herança paterna, e começou a dissipar o dote da sua senhora. Bem pudera o Sr. Jorge ser um péssimo administrador, sem todavia menosprezar as virtudes da sua esposa. A natureza não deu ao marido desta senhora qualidade alguma boa.

D. AUGUSTA

A quem está contando essa história, Sr. Cunha? Eu sei de mais a minha vida.

CUNHA

Não sabe tudo o que lhe importa saber. Jorge de Lemos podia prostituir o coração por onde quer que lho aceitasse a corrupção dos costumes, e todavia iludir sua mulher com esse afeto mentiroso que os homens cansados costumam denominar serena intimidade. Nem isso! O marido desta senhora repelia não só as censuras, mas também as súplicas; não só as queixas, que também as lágrimas. Era preciso aceitar-lhe a libertinagem e a crueza, com os

carinhos da esposa feliz e extremosa. Extremosa foi-o ela sempre. Extremosa até á loucura de tentar uma experiencia no coração em que ela já não tinha sequer por si a corda da piedade. Inventou um afeto, indigno mesmo da sua fantasia atormentada; abraseou no ânimo do marido todos os ódios filhos do orgulho, mas no coração nem vislumbre de amor, na consciência nem um toque do castigo merecido. Evidencia de que a sua mulher estava inocente, teve-a Jorge... Não basta. Viu com rosto sereno sair a inocente com um filho nos braços, deixou passar uma hora, um dia, quatro dias, e não lhe seguiu os passos; não se lembrou á hora do jantar se a sua mulher e filho teriam fome...

D. AUGUSTA

Não diga mais, senhor; encarecidamente lhe rogo que termine este transe inútil. Já sei que entende melhor que eu própria a minha dor.

CUNHA

Sr. Barão, a opinião, publica cujo órgão v. Exa. É, que dirá do marido desta senhora, quando v. Exa hoje na alfandega lhe contar esta historia?

BARÃO

A falar a verdade... O marido da Sra. D. Augusta é um malvado.

CUNHA

A sociedade não castiga estes malvados: insulta as mulheres que não têm o heroísmo de morrerem abafadas ao segredo da sua agonia. A sociedade não castiga; mas aqui estou eu, em cujas mãos a divina Providencia pôs o flagelo que os ministros da lei costumam esconder debaixo da toga. O pai desta senhora devia-me 50 contos de réis, por escritura, cujo traslado aqui está. Esta senhora foi-me deixada como esposa ou filha; abstive-me de comprar o coração da esposa, e dei á filha a única felicidade que podia dar-lhe — a da riqueza. Enganei-me na dádiva, porque o senhor dela é o homem que fechou a porta nas costas da

esposa que saiu sem o valor de um pão. Vou emendar o engano sequestrando os haveres de que indevidamente se acham empossados os herdeiros do meu defunto amigo. Vou vingar esta virtuosa senhora que vive das esmolas da sua criada.

MARGARIDA

Esmolas! Pelo amor de Deus não diga isso, Sr. Cunha!

CUNHA

Vou ser o amparo daquele menino, que há de pedir contas a sua mãe das dissipações do homem que lhe fez o desgraçado presente da vida. Vou...

D. AUGUSTA, erguendo-se com ímpeto

Não vai, não, senhor, não irá, Sr. Cunha; porque eu abomino essa ação indigna de si. Dê-me o coração do meu marido, se pode e tome conta de tudo que é seu. Nunca associe o meu nome a essa mesquinha vingança… A mulher,

que ama, não se vinga assim. Não diga que o faz em favor do meu filho, porque eu hei de ensina-lo a rejeitar a esmola de quem forçar seu pai ás vergonhas e ignominias inseparáveis da pobreza... De mãos erguidas lhe rogo que não chame sobre mim o ódio do meu marido. Eu tenho ainda esperança de o compadecer. A compaixão há de trazer o amor... Eu posso ainda ser feliz... Oiça-me, Sr. Cunha...

CUNHA

Aí há demência ou indignidade, senhora!

D. AUGUSTA

Indignidade, não! Indignidade é ouvi-lo, Sr. Cunha! Indignidade é louvar uma ação cuja infâmia seria toda minha, sua não, que é um credor. Jorge nada tem, eu nada tenho, o meu filho há de abençoar-me. Embolse os seus cinquenta contos, Sr. Cunha. Quando eu souber que Jorge desceu á indigência, irei dizer-lhe que tem um talher na

minha pobre mesa. Ele aceitará o honrado pão do trabalho, e aprenderá comigo a merece-lo sem humilhações!

CENA XII

OS MESMOS, JORGE e depois RAFAEL

(Jorge entra precipitadamente)

D. AUGUSTA, recuando

Jorge!!

JORGE, aos pés de D. Augusta

Mártir, perdoa-me! (A baronesa e Margarida amparam D. Augusta.) Augusta, nos teus olhos não haverá mais lágrimas! Vê o nosso filho que me não repele.

D. AUGUSTA

O Jorge! Jorge! (Abraça-o com frenesi.)

(Rafael aparece, contemplando o grupo com ares de grande jubilo.)

CUNHA, Limpando as lágrimas

Deixem-me exercer a minha tirania, segundo o costume. (Separa-os e coloca-se entre ambos.) Sou um homem tão invejoso e ambicioso de abraços, que vendo por dois os direitos de credor inexorável. (Abraçam-no ambos.) Meus filhos, se a felicidade não principia aqui para vós, é tudo mentira na vida. ABENÇOADAS LÁGRIMAS!

FIM